

Homenagem à Professora Elza Maria Miranda Afonso Professora Titular dos Corações dos Alunos, Professores e Funcionários da Faculdade de Direito da UFMG

Henrique Napoleão Alves e Joviano Gabriel Maia Mayer
Alunos daquele marcante segundo semestre de 2004

“A caridade é paciente, a caridade é bondosa. Não busca os seus próprios interesses, não se irrita, não guarda rancor. Não se alegra com a injustiça, mas se rejubila com a verdade.” (I Coríntios 13)

Que responsabilidade enorme a de homenagear professora tão especial, tão singular! Afinal, são diversas as gerações de estudantes da Vetusta Casa de Afonso Pena que tiveram a oportunidade de se encantar pela nossa pequena grande mestra, Professora Elza Maria Miranda Afonso. Quantos não foram os comentários repletos de saudade e elogios que escutamos de alunos mais velhos, ex-alunos, professores e funcionários sobre a professora Elza. E nós, jovens alunos, fomos apenas recentemente encantados pelos ensinamentos do justo que emanam da querida homenageada. Ainda assim, aqui tentamos prestar esta que não é uma homenagem só nossa, mas de toda a Faculdade, de todos os que ficamos órfãos de sua terna presença diária nos corredores e salas de aula da Vetusta.

Das aulas de Teoria Geral do Direito guardamos, em especial, um episódio que marcou a todos os alunos daquele segundo período de Direito, em 2004. A distinta professora pediu que fizéssemos justo aquilo que raramente faríamos desde então: criar. Tão acostumados que somos a reproduzir, foi-nos dado o dever de elaborar um pequeno ensaio sobre a Justiça. Nem Aristóteles, nem Spinoza, nem Kant. Seria o nosso conceito de justiça, talvez coxo de originalidade e método, mas, definitivamente, nosso. Não imaginávamos o quanto poderia ser intrigante, prazeroso e especialmente angustiante conceber um conceito que é daqueles que sabemos, e principalmente sentimos, mas dificilmente conseguimos expressar em palavras...

Naquele momento, ainda não sabíamos que a bondade e doçura das feições da professora, dos incontáveis sorrisos, da fala mansa, baixinha, e da paciência em nos explicar tantos conceitos novos da refle-

xão jusfilosófica eram apenas manifestações menores da sua grandeza de espírito.

Em meio à notória fogueira de vaidades que inflama o ego de tantos doutores dessa faculdade, a professora Elza de nada se gabava. Sequer exibia, dentre tantos títulos acadêmicos que ornaram sua carreira de devoção ao magistério, o título maior que ostenta: o de Pós-Doutora em Justiça e Ternura. Sua carreira, marcada pela dedicação exclusiva da alma à Vetusta Casa desde 1970, guarda em si, objetivamente, uma importante lição para o meio acadêmico tão viciado dos nossos dias: as grandes contribuições para a ciência não vêm com a quantidade de publicações e orientações, mas com a riqueza de um trabalho bem feito ou de uma rosa cuidadosamente cultivada e revelada para o doutoramento (como é o caso de sua ilustre orientanda, a professora Miracy Barbosa de Sousa Gustin).

Ah, Elzinha, personificação da caridade narrada por Paulo...Mais do que nunca nos convém noticiar a saudade que nos deixa. Aos novos vãos que pretende alçar, após sua aposentadoria neste ano, desejamos o mesmo sucesso alcançado em mais de trinta anos de carreira na UFMG. Sempre seremos gratos pela lição de vida que nos deu. Afinal, realmente “os lírios não nascem das leis.”

